

POVO

ALGARVIO

Semanário Regionalista

Director, Editor e Proprietário
Manuel Virgínio Pires
Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13-Telef. 127-TAVIRA
Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» - Telef. 213 - TAVIRA

O sr. Almirante Américo Tomás

regressou da sua viagem triunfal em Espanha

O Senhor Almirante Américo Tomás, ilustre Presidente da República Portuguesa, depois de ter sido alvo das mais entusiásticas recepções por parte do povo e do Governo Espanhol, regressa da sua viagem triunfal ao país irmão.

Os Chefes dos Estados português e espanhol, nesta visita, consolidaram ainda mais a amizade secular entre os dois povos, cujas ideologias e sentimentos cristãos são esteios duma civilização.

Uma passagem do brinde feito pelo Generalíssimo Franco, no decorrer do banquete realizado no Palácio de Oriente:

«Ante os perigos da hora presente, o sentido da responsabilidade que nos incumbe, a integridade e a independência dos nossos territórios constituem uma importante garantia da paz mundial, que nós, pela parte que nos toca, estamos dispostos a defender. Impõe-se ao Ocidente uma solidariedade indefectível e global. Mas parece que alguns, sobretudo os detentores de responsabilidades maiores, ainda o não entendem assim, mesmo em face de transigências e desastres sucessivos.»

Algumas passagens da resposta do sr. Presidente da República Portuguesa:

«Atravessa o Mundo um momento sombrio, desde a África ao Oriente, e as consciências estão ansiosas e os povos sôfregos de paz. Mas é o pesadelo da guerra que paira sobre as nações. Vem de Leste a ameaça, e é crescente a sua agressividade. Está em causa, acima de tudo, a defesa dos valores e princípios humanos que são património do Ocidente. Não ousam os adversários contestar a validade daqueles, e até os utilizam para em seu nome nos procurarem bater no nosso proprio terreno. Perante o ataque, conduzido no campo das ideias ou através de subversões locais, impõe-se ao Ocidente uma solidariedade indefectível e global. Mas parece que alguns, sobretudo os detentores de responsabilidades maiores, ainda

Eng. José Mansinho da Graça

Foi nomeado Director da Hidráulica do Tejo, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Engenheiro José Elesbão Mansinho da Graça, que por tal motivo fixou a sua residência na capital.

Ao distinto funcionário e competente técnico endereçamos as nossas felicitações pela acertada escolha do seu nome para o desempenho de tão altas funções.



o não entendem assim, mesmo em face de transigências e desastres sucessivos. E por isso, Continua na 2.ª página

Escola Técnica de Tavira

— Iniciou-se esta semana na Escola, o ensino do Canto Coral, o qual tem como professor o competente músico compositor, sr. Sebastião Leiria.

— Nova e importante remessa de magnífico mobiliário escolar, chegou ante-ontem a Tavira, enviada pela «Comissão de Reapetrechamento das Escolas Superiores e Secundárias», do Ministério da Educação Nacional, para a nossa Escola Técnica.

— Também no comércio local de Tavira e no do Algarve, têm sido adquiridos diversos objectos para o equipamento da mesma Escola.

— Transferido da Escola Industrial e Comercial de Loulé entrou esta semana em serviço na Escola Técnica de Tavira, o sr. António José, que interinamente desempenhará as funções de Chefe de Pessoal Menor.

— O ilustre Deputado da Nação e Presidente da Câmara Municipal de Tavira, sr. Dr. Jorge Correia, continua a visitar com frequência aquela Escola Técnica, onde com especial interesse e carinho inquirir das necessidades da mesma, que a ele tanto deve a sua criação.

— Prevendo-se um considerável aumento de alunos para o próximo ano lectivo, iniciaram-se recentemente no Palácio da Galeria, obras para adaptação de dependências que não estavam ainda adestradas ao sector do ensino.

— Entrou agora em funções de ensino de Trabalhos Manuais Femininos daquela Escola, a sr.ª D. Maria Catarina Gomes, considerada especialista em tal ramo de ensino técnico.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Ainda nem tudo se perdeu!...

DEPOIS de termos lido a notícia que abaixo transcrevemos, e por não sermos egoístas logo a quizemos dar a conhecer ao nosso leitor, que por qualquer motivo dela não tivesse tido conhecimento.

por José Rebelo

Assim, ao sentir aproximar a Morte, uma portuguesa de forte alma e coração, cujo nome é Perpétua Correia de Oliveira, de Lordelo do Ouro, chamou seus filhos, dizendo-lhes: «Meus filhos, — aquele retrato que ali está do Senhor Doutor Salazar e os seus discursos que estão por detrás, quero-os levar comigo para o outro mundo. Quando eu morrer, quero que mandem dizer ao Senhor Doutor Salazar que morreu uma velhinha que depois dos filhos era ele quem mais estimava; por ele rogava a Deus todos os dias, nas minhas orações. Digam-lhe também que recorde os meus tempos de rapariga, simples operária a quem tudo era negado. Que muita lágrima eu chorei de desespero, por não me deixarem, então, aleitar-vos, nos primeiros meses, durante as horas de trabalho na fábrica. E hoje?... Sim, hoje, ao contrário do que se passou comigo, as mulheres da fábrica, já dispõem de tempo para aleitarem seus filhos nas horas de trabalho e tem muito mais regalias do que nós tínhamos ne-

Continua na 2.ª página

Valores algarvios

Um valioso estudo

do cientista
Dr José António Madeira

TEMOS sobre a nossa mesa de trabalho dois volumes da autoria do nosso prezado amigo e ilustre escritor e cientista algarvio, Dr. José António Madeira.

O primeiro intitula-se: «Estudo Histórico-Científico, sob o aspecto gnomónico, da figura radiada de pedra tosca suposta coeva do Infante D. Henrique, existente na sua antiga vila de Sagres».

Trata-se da sua comunicação ao Congresso Internacional de História dos Descobrimentos e é uma separata das actas do mesmo.

O segundo volume é: «A Biblioteca — Museu de Loulé e a sua organização».

Continua na 2.ª página

Turismo no Algarve

NOS últimos dois anos muito se disse e se escreveu sobre as possibilidades turísticas do Algarve. As suas belezas naturais, a temperatura amena no Inverno, as suas extensas praias de areias brancas — são os atractivos sobre os quais, em regra se prefere insistir. Mas o Algarve tem outros, e alguns da maior importância para o turismo internacional. As suas costas são banhadas por águas quentes na Primavera, no Verão e em grande parte do Outono.

A par da abertura, este ano, de dois bons hotéis (Lagos e Vila Real de Santo António) e de uma pousada (Sagres), e da construção já adiantada de outros dois hotéis (Albufeira e praia da Rocha), está em curso, perto de Faro, a 5 km de Almansil, na chamada praia de S. Lourenço, uma iniciativa que pode dar

A cor do tempo

TODO o verão de S. Martinho andara-n em festa as abelhas, contentes a recolher o mel que os vespereiros lhes dispensavam. Mas com os últimos carinhos olorosos de nós se despede Novembro,

Porque um ano acaba para principiar outro ano, tal a vida acaba para principiar outra vida, Novembro foi consagrado aos mortos, tinto do roxo dilúculo da aurora ce-

leste, adornado das grandes flores exóticas a que chamam crisântemos e se cultivam nos jardins, vistosas mas sem fragilidade, esse atributo que cá toda a graça aos seres esquisitos que oferecem os frutos,

É também o mês das árvores acobreadas, ambarinas, doiradas, que põem na paisagem opulências de paleta de mestre, carregada de todos os crómios, todos os ocre, terras de Veruza, Siene e Cassel; dos pastos cor de prata suja e dos plainos cobertos de verde rente ou revolvidos há pouco, arroxeados, avermelhados, cas-

Continua na 2.ª página

Festa de Nossa Senhora da Conceição

No próximo dia 8 de Dezembro, realiza-se na vizinha freguesia de Conceição, a tradicional festa em honra da sua padroeira.

Em virtude das obras de restauro da igreja que se estão a efectuar, a festa constará apenas dos números habituais.

O programa, que está a ser elaborado, será publicado num dos próximos números do nosso jornal.

Almirante Sousa Uva

Visitará em breve os Estados, a convite do Governo Norte Americano, o sr. Vice-Almirante Joaquim de Sousa Uva, ilustre algarvio, Chefe do Estado Maior da Armada.

Função da Poesia

A SEDUÇÃO das ideologias existenciais — Prometeísmo do nosso tempo —, a tecnicização progressiva do ensino e a divulgação da cultura por meios cada vez mais cómodos, como o cinema, a televisão, as revistas ilustradas, terão levado o homem do nosso tempo a um superficial esquematismo de ideias, onde se terá apoucado o papel outrora reservado à Poesia como «expressão de cultura», e como instrumento, sortilégio, de interiorização e comunicação. Nem se falará, em geito saudosos, do papel educativo que

pelo Dr. Carlos Alberto Jordão

S. Gonçalo de Lagos

Acompanhado de algumas palavras amigas que muito nos desvanecem, recebemos do eminente escritor sr. Dr. Júlio Dantas, ilustre Presidente Honorário da Academia das Ciências de Lisboa, a gentil oferta do seu maravilhoso discurso inaugural do I Colóquio Gon alino, proferido na Câmara Municipal de Lagos, no dia 2 de Setembro de 1961 (separata do «Correio do Sul») que penhoradamente agradecemos.

TROVA

O teu sorriso, tão lindo,
Alegra-me o pensamento;
Eu morreria sorrindo,
Se o visse nesse momento.

Isidoro Pires



1.º de Dezembro de 1640 — Lavantamento em Lisboa de João Pinto Ribeiro e outros valerosos conjurados contra o domínio castelhano, seguido de libertação do Reino e implantação de uma dinastia nacional.

Valores algarvios

Um valioso estudo

do cientista

Dr. José António Madeira

Continuação da 1.ª Página

No volume que diz respeito ao Estudo Histórico-Científico, trabalho interessantíssimo em que o nosso ilustre comprouviano que goza de merecido prestígio no ramo científico, estuda a história da medição do tempo desde os alvares da civilização até à época em questão, referindo-se ao gnómon e o quadrante solar, descrevendo a disposição e as características de alguns que, desde a antiguidade e através de documentação escrita, se podem considerar bem conhecidos nos seus pormenores mais importantes.

No trabalho que é valorizado com algumas ilustrações, o autor trata os vários problemas suscitados pela figura tosca de Sagres.

Procurou ainda o distinto cientista encontrar «uma construção teórica que se identificasse com a figura radiada. Depois de portuados esforços e de várias tentativas, chegou a um gráfico para horas iguais que em muito se harmoniza com a figura real, que corresponde a um quadrante horizontal com o estilete de sombra vertical e foi preparado com o conhecimento da latitude do lugar, dos azimutes do sol para as diferentes partes do dia e da declinação solar».

Em seguida, o cientista procura localizar as causas das divergências encontradas.

Junto do valioso estudo do nosso amigo e prezado assinante, um belo relatório do sr. Luís Mendonça de Albuquerque o qual, apreciando o estudo do autor, afirma: «Resta-nos dizer que, através da sua leitura, ficamos convencidos de ter sido agora encontrada a interpretação exacta para a construção existente no terreiro de Sagres, em época indeterminada deve, na verdade, ter sido ali erigido um quadrante solar de gnómon vertical, de que essa enigmática figura foi, afinal, o quadrante horizontal».

Estão os meios científicos portugueses e o Algarve de parabéns. O primeiro, pelo acontecimento, pois trata-se de uma obra de grande envergadura científica e o segundo por contar no número dos seus valores, tão prestigiosa figura de louletano; o mesmo é dizer: um dos seus mais lídimos filhos, valor de reputação internacional.

Felicitemo-lo com um abraço de sincera amizade e muita admiração.

Luís Sebastião Peres

ao turismo internacional do Algarve o impulso de que ele necessita.

Numa vasta propriedade povoada de pinheiros que se estende ao longo do mar por mais de um quilómetro, vão ser construídas umas dezenas de casas, no estilo algarvio, de forma a defender a harmonia da paisagem, que serão, seguidamente vendidas no nosso País e no estrangeiro, à medida que forem sendo concluídas. A empresa construirá a estrada de acesso e manterá em serviço um restaurante.

Nem tudo se perdeu!...

Continuação da 1.ª página

esses tempos. Há muitas e muitos que dizem mal daquilo que hoje têm, mas se tivessem passado os sofrimentos que passou a gente da minha idade... Que o Sr. Dr. Salazar lhes perdoe, pelo que dizem, pois que Jesus, depois de espancado e insultado disse: perdoai-lhe meu Pai, não sabem o que fazem».

É a pobre velhinha, que passou o que passou no seu tempo; que conheceu a sua época e a época actual, onde os benesses, não sendo aquilo que todos desejávamos, são no entanto muito mais, mostrando-se grata para com o Homem que há anos vem dirigindo os destinos do País, quiz levar para a cova, não só as palavras do Homem, mas também a sua efígie.

Não há que duvidar que tem sido sempre bondoso, o nosso Povo. Tem sido sempre grande a alma do Zé Povinho. E se fala, é porque tem boca. É certo que há um ditado que diz: — que boca cheia não fala. — Mas, na maioria dos casos, o coração do Povo é grande e ainda sabe reconhecer. É esta Santa Mãe, que deve ter criado seus filhos com várias dificuldades, soube ser reconhecida. No entanto se tivesse feito fortuna á custa da actual situação como muitos, agora, não recordava o Estadista, mas ao sentir picar a cevada na barbiga, dele diria mal, bem como do país.

É quase sempre assim a Vida! No entanto, o reconhecimento, encontra-se mais facilmente entre os humildes! E o leitor que tem bom coração e que sabe sentir, terá certamente para com esta Mãe Portuguesa um momento de recolhimento e por ela pedirá a Deus.

Sabemos também; que o pobre fala por tudo e por nada, e, com ou sem razão; que Salazar disse, que desejava que os pobres fossem menos pobres e que os ricos, fossem menos ricos. Frase bonita e cristã, e que desejávamos ver já em uso para que Portugal continue a ser Portugal e para que se faça ver ao Mundo, agora tão contra nós, que os Portugueses, continuam a saber o que querem e para onde vão, sempre conduzidos pelos Homens do Estado Novo.

Assim, e para já, era lógico, que fossemos aos povoados onde se verifica que a percentagem de votos não atinge o que se esperava, e sabermos qual o motivo por que o Zé Povinho de tais lugares, não votou. Se nos disserem que estão descontentes com isto ou com aquilo; se nos disserem que ganham pouco, (sim, é que ainda há quem, em certas regiões, ganhe menos de vinte escudos, quando um litro de azeite lhes custa mais de quinze), teremos que seguir o dogma de Salazar, quando nos diz, que quer que o pobre seja menos pobre e o rico, menos rico. E assim, pagando-se o que for justo; limpando-se arestas onde as houver; recompensando ou castigando, conforme os casos, tratando das reformas que visam a assistência gratuita e o amparo na velhice, Zé, tem que forçosamente ser grato, justo e reconhecido para com quem por ele pugna. E não esquecer nunca, que boca cheia não fala.

A Visita Presidencial

Continuação da 1.ª Página

a uma solidariedade que deveria ser indivisível, antepõem a promoção de interesses que são, afinal, transitórios e particulares, sem cuidarem de lesar amigos em proveito de outros que nunca o serão. Correm graves riscos os que assim procedem, e os seus governantes assumem perante o Ocidente a responsabilidade dos prejuízos e perante os seus povos a responsabilidade de os encaminharem para o isolamento, abandonados como ficarão pelos aliados de ontem e desamparados nas crises sem encontrar amigos entre os restantes. Talvez não seja ainda tarde de mais para emendar o erro: mas não parece lícito exigir que esperemos indefinidamente, os que lutamos pela salvaguarda de interesses e valores que não são nossos apenas.

«Esta a Nação Portuguesa consciente de que entende bem a solidariedade devida à defesa de valores idênticos. E por isso, desde o primeiro momento, foi solidária para com a Espanha na luta comum. Nações irmãs, que mutuamente respeitam a individualidade própria de cada uma, depositárias de tradições e princípios que ambas consideram sagrados e por que ao longo dos séculos têm lutado, a Espanha e Portugal logo se identificaram e aliaram contra um inimigo que sendo-o da Península, é por igual adversário de todo o Ocidente Este sentir paralelo se exprimiu no Pacto Peninsular, e eu proclamo aqui, em nome da Nação Portuguesa e do seu Governo, a nossa fidelidade incondicional a esse instrumento de solidariedade e de acção. E é ainda aquele mesmo sentimento que tem imposto a Portugal lutar pela integração da Espanha na Aliança Atlântica, perante a hesitação de alguns, que em face do perigo julgam poder prescindir dos altos valores que a Nação Espanhola representa.

«Não é esta a primeira vez que no curso dos tempos a Espanha e Portugal têm sido pioneiros isolados no combate por ideias comuns, e a História repete-se hoje. Não nos causa temor o facto, e os dois povos da Península, na Europa como nas províncias espanholas e portuguesas da África e de outros Continentes, têm sabido manter intacta uma solidariedade que para ambos constituiu ponto essencial da sua política. Muitas têm sido como se viu ainda há pouco perante o áspero combate que a Portugal foi imposto em Angola, na compreensão de que as províncias ultramarinas portuguesas são sentinelas do Ocidente, e que estão em causa valores mais altos do que simples interesses ocasionais. Assim a Espanha o tem proclamado sem tergiversações perante o Mundo e nos organismos internacionais. Por isso quero aqui afirmar, com vigor e clareza, os sentimentos fraternais da Nação Portuguesa e exprimir ao povo espanhol o reconhecimento do povo português de todos os Continentes.

«Em nome de minha mulher e no meu, agradeço ao Generalíssimo e à excelsa senhora Dona Carmen Franco a sua fidalga hospitalidade, e bebo pelas felicidades pessoais de Vossa Excelência e pela prosperidade e grandeza da Espanha.»

Vendem-se Barato

Dois óptimas mobílias completas de quarto e casa de jantar, por motivo de retirada, assim como um saveiro de quatro metros, em estado novo. Nesta Redacção se informa.

A cor do tempo

Continuação da 1.ª Página

tanho cendrado, veludíneo, cor de mel.

Cruzam-se velozes as libelinhas azuis e vermelhas, as aranhas tecem o «fio da Virgem», descem as primeiras névoas frias, as primeiras geadas e aguaceiros pesados, sem intermitências do sol.

Outubro foi um mês cinzento, lambido de oiro, fim de festa do estio que, pela saciedade, se aprenhou, perdeu a cor.

Novembro estabelece o Inverno, remoto arauto do ano novo, avô da Primavera, a cantar-lhe ao som dos laúdes da ventania motetes e legendas, volte do berço agasalhado em brumas.

Rancho de raparigas e rapazes cantam na apanha da azeitona, pelas encostas. Passeiam os bois pungidos ao arado pela terra que dará o trigo e nesse trabalho delicado e rude, moroso e ligeiro, rudimentar e complexo é que se aprende a amar o pão que manducamos e tanta fadiga repraesenta, desde a hora perfumada de esperança em que se confia a semente à terra, até ao momento em que, saído do forno esbraseante, com uma reviravolta da pá cai no tabuleiro onde as mulheres, semelhantes às canéforas dos tempos, o levam à cabeça e o guardam na arca como o melhor tesouro.

O pão, diz o povo, é sustento; o mais não passa de simples conduto. O próprio Deus nos ensinou a pedi-lo ao Pai do Céu, antes de tudo. A carne, que agrada ao paladar e cava a fome, é comida execrada. A medicina várias vezes a banui do número dos alimentos sadios. Mesmo a Igreja a proíbe em certos dias.

A antiga lei não permitia, sempre, algumas espécies. Acompanhada de ervas amargas e consumida quase sem tempo de a saborear, teve em certo dia especial significação.

Ao peixe foi concedida uma hexágese mística. Vamos encontrá-lo no fundo do esbazo daquele moço que forneceu a parcela de alimento para a multiplicação, na pesca miraculosa e numa outra, depois da Páscoa, com sentido alegórico, algum tanto nebuloso. Aparece nos lugares santos, mais como sinal de reconhecimento entre os primeiros cristãos, visto que, o seu nome, em grego, dá a sigla de Cristo.

Mas o pão, o pão tem as honras dos altares.

Melquisedeque, o pastor que cingiu a tríplice coroa de rei — sacerdote — profeta, ofereceu-o há milénios a Jeová.

O pai da família, no Lácio como na Etrúria, antes de principiar a refeição de mistura com as libações do vinho, cremava no altar doméstico algumas migalhas de pão que, em primícias, oferecia aos penates.

No Novo Rito é o pão consagrado que se transubstancia em Cristo que, sendo Deus infinito, cabe por sua simplicidade e humildade, na migalha de pão.

— Pão!... a primeira palavra que a criancinha balbuçia ao colo da mãe, a vida do lavrador que dele se nutre, a ele comunga, por ele se alegre e inquiete, se gosta e morre.

É por ele que Novembro faz caminhar o grupo formado pelo homem de aspecto varonil e forte, não servo mas verdadeiro senhor da gleba, os bois mansos e possantes e o arado rezando no ranger das aivecas e cuja relha, como prata polida, brilha nos rescleros do sol. A arrelhada parece levar na ponte pulcra refulgências de estrela e com ela o lavrador destonava a leiva que adere ao ferro luzente, lembrando que a terra é coisa tão santa que descem estrelas da altura para a abençoar e ferti-

História Ilustrada dos Principais Países do Mundo

Organizações crisálias, através da sua Secção Editorial, depois de concluída a notável «História da Civilização Europeia» colaborada por eminentes especialistas erupeus e americanos, considerou oportuno procurar pôr ao alcance do público português e brasileiro uma obra onde se reunissem as diferentes histórias dos vários países do Mundo, feitas também pelos melhores historiadores ou com os mais actualizados elementos de informação. Passará desta maneira a existir em língua portuguesa um repositório das histórias nacionais mais significativas, facultando o conhecimento directo das mais variadas experiências políticas e sociais realizadas dentro dos quadros dos difentes Estados e em relação com a experiência acumulada na história particular de cada nação. Assim se estudará como se diversificam e particularizam as civilizações presentes no Universo. Elementos de consulta e de leitura deste tipo existem nas mais importantes línguas e culturas. A sua falta do mundo da língua portuguesa faz-se vivamente sentir. Não existe, de facto, em língua portuguesa nem reunidas em volume nem em separado e actualizada uma história da Alemanha, da China, da Rússia, dos Estados Unidos da América, do Egipto, do Japão, etc.

A presente publicação em fascículos cuja organização foi entregue ao Dr. Jorge de Macedo, visa preencher essa lacuna e inicia-se com a História da Alemanha.

Em distribuição o 1.º fascículo. Os editores aceitam assinaturas.

VENDE-SE

Prédio urbano na Rua Figueiros de Tráz, n.º 21.

Recebe propostas Tavira — Luís Coelho e em Lisboa F. Vasconcelos, Alameda Linha Torres 97 7/c Dt.º.

VENDE-SE

Por motivo de retirada, barco a motor de passageiros, que também serve para agência de vapores ou pesca. Motor de 75 H. P., estado novo. Estando a trabalhar entre Faro e suas praias. Vende-se por metade do seu valor.

Tratar na Rua do Compromisso, 70 — Faro.

lizar. Atrás, como rês mansa e atenta, a mulher, ostentando a nota viçosa dum lenço ou bata garrida, segura à ilhargá a alfafa da semente que tomba em chuva de oiro na fundura do sulco.

À esteira do grupo, ovelhinhas e pombas seguem na enga de apanharem vermes ou grãos para se nutrirem.

Completa o quadro de Novembro, entre as pitas, as teias de aranha que apresentam coloridos mialinos e no zambujo a «caldeirinha» repeta o engraque estribilho: «ti Joaquim, pingue aqui... ti Joaquim, pingue aqui...»

Nas ruas da cidade, pelas calçadas frescas e lavadas, estampam-se as folhas dos plátanos recortadas e aguareladas a capricho. As crianças passam com os fatos de vivos coloridos, nas montras aparece grande progressão de brinquedos e estendem-se os agasalhos mais apetecíveis que, tentando os que a eles não podem aspirar enchem de frio mais intenso os pobres que só podem idealizar o que seja o conforto.

Para corpos enregelados, casinhas frinchosas de telha vã e estômagos famintos, Novembro não é das melhores invenções e a cor do tempo torna-se um tanto sombria.

ROMEIRA

Todos os fios de lã para tricot

encontra V. Ex.ª aos melhores preços do mercado no depósito da fábrica MEIAS DE NYLON Preços de Fábrica

FABRICA:

ALENQUER

Telefone 15

DEPÓSITO:

Rua dos Fanqueiros, 96, 1.º-Dt.º

Telefone 21693 — LISBOA

Enviámos amostras — Fazemos remessas pelo correio

Função da Poesia

Continuação da 1.ª Página

quer na Idade Média com o classicíssimo Dante, quer depois na Renascença, com o reacender do humanismo clássico. Sempre aí a poesia quer no canto — aedo —, quer como «exercício» meramente «espiritual», ou como «expressão de cultura» (Prof. Hernani Cidade), se afirmou educadora e formativa, dando ao homem culto, o complemento necessário de sensibilidade ou emoção (a poesia, mesmo a mais cerebral ou intelectual, nunca se pode dissociar do aspecto afectivo-emoção). Mas expressão de vida interior foi-o e continua ainda a sê-lo a poesia de hoje.

— Mas conseguirá ser ainda o mesmo instrumento de comunicação entre os homens?

Teremos de opôr as nossas dúvidas, a despeito do muito que se tem feito — nem sempre compreendido ou aceite — pela explicação do «fenómeno poético» nos nossos dias, e da assinalável reflexão crítica em torno do fenómeno.

E à primeira vista seremos, pois, tentados a responder, que o desinteresse, o voltar de costas à poesia contemporânea, se filiam, primordialmente, no denso hermetismo que a poesia contemporânea apresenta, onde muitos autores (Gaspar Simões, por exemplo,) vêm um «autêntico neo-barroquismo», para além do surto surrealista que grassou em toda a Europa culta.

É certo que a poesia mudou formalmente: não fez mais que acompanhar a progressiva autonomização e independência da arte em geral, despegando-se dos cânones tradicionalistas ou dos padrões estético-morais, que o uso de séculos, tornou como que imutáveis.

Mas não foi só a arte que mudou. Ela não fez mais que reflectir, afinal, a radical mudança do próprio homem, quer na sua vida intelectual, quer na afectiva.

O passar de duas guerras, cruentas e longas, muito terão pesado nessa transformação.

E a desarticulação das ideologias, as inflações enfraquecedoras, o desemprego, a insatisfação social, a fermentação dum profundo e geral mal-estar que caracterizaram o período deste post-guerra — fenómeno geral que perdura ainda, especialmente na Europa — muito haverão contribuído para a inquietação de almas e consciências que a poesia veio a reflectir, e a fé, às vezes a amparar.

Problema de profundas incidências, este, — não curamos agora de suas causas, mas dos seus efeitos visíveis — não poderá, porém, ser olhado dum ponto de vista apenas negativo. A arte e o homem mudaram, é certo; aquela porque é produto ou realização de homens,

— Mas manterá a poesia — ou procurará manter? — a sua função específica e essencial?

Parece-nos que sim. De feito, a poesia continua, tal como outrora, a pôr o homem perante os problemas fundamentais do seu destino e da sua origem, e a detectar as suas angústias e interrogações.

O que mudou, radicalmente, foi a forma dessa comunicação o que se veio a reflectir na falta de receptividade do público. Menos racional que a do século passado, nada «composta» ou trabalhada, como a dos séculos XVII e XVIII, a poesia dos nossos dias, é, no entanto, mais experiencial, vivencializada, mas também mais fluída e menos permeável (cf. Maurice Nadeau, *Histoire du Surrealisme*).

Ao morno viver de outrora — em que a poesia era mais entretenimento ou decoração, ou simples exercício literário,

Tribunal Judicial de Tavira

ANÚNCIO

Éditos de 20 dias

1.ª publicação

Pelo Juízo de Direito da comarca de Tavira e respectiva Secretaria Judicial pendem uns autos de execução de sentença em que é exequente João Hígino Gonçalves de Campos e executado Manuel António Gago, solteiro, maior, proprietário, residente no Montinho da Revelada, freguesia de Vaqueiros, comarca de Vila Real de Santo António e neles correm éditos de vinte dias citando os credores desconhecidos para no prazo de dez dias, findo o dos éditos que começará a contar-se da segunda e última publicação deste, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 864 e seguintes do Código do Processo Civil.

Tavira, 20 de Novembro de 1961.

O Juiz de Direito,

João Carlos Leitão Beça Pereira

O Chefe da Secção de Processos

João F. Nunes Gonçalves



Agradecimento

A família de José Amândio dos Santos vem, por este meio, agradecer reconhecida a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a última morada o seu saudoso extinto, cujo funeral se realizou no passado dia 22 do corrente.

Vende-se

Uma courela de regadio, com casas, no sítio do Alto, freguesia de S. Tiago.

Tratar com Manuel Francisco ou com sua mulher, Custódia Eduarda, moradores no Brejo, freguesia da Luz — Tavira.

Vende-se

Uma courela, no sítio de Amaro Gonçalves, denominada «Fundo», com alfarrobeiras, oliveiras e figueiras e outro arvoredo.

Tratar com João Pires Nunes, no referido sítio.

Trespasa-se

Um estabelecimento, com mercearia e casa de pasto, no sítio de Amaro Gonçalves — Luz de Tavira. Trespasa-se por motivo de reterida,

Quem pretender dirija-se a Luís Eugénio Henrique Bento, no referido local.

a nossa época opõe-lhe as profundas interrogações quanto ao futuro, as imensas forças subterrâneas que pesam na consciência do homem, ensombrado com o progresso material, e com o fascinante avanço da técnica.

O diálogo profundo e metafísico que a poesia, hoje como sempre, é chamada a travar, ainda não terminou. O que mudou especialmente foi a forma desse diálogo, porque a angústia e o «mistério» da poesia só morrerão com o homem, itinerante dos caminhos que desconhecerá sempre.

Veremos, porém, em próximo artigo se a forma actual de poesia, multiplicada em ismos, e em escolas, conseguirá ou não manter esse diálogo e penetrar, na grande massa do público.

Tavira, 18-11-961

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Em 27 — D. Maria Ponce de Castro Centeno, D. Maria Ludovice Gonçalves Santana e os srs. José Rodrigues Santos e José Eduardo Maco.

Em 28 — D. Beatriz Guimarães d'Almeida Marques, D. Rosa da Conceição Faleiro, D. Maria Eduarda Pires Dias, D. Idalina Guerreiro de Sousa, D. Julieta da Fonseca Soares Centeno, menina Maria Lucília Pires Gago, menino José Manuel Mestre de Oliveira e o sr. Francisco do Nascimento Trindade.

Em 29 — D. Maria Josefina Pimentel Guerreiro, D. Maria Allete Valongo do Nascimento e os srs. Joaquim Henrique Costa e José Rodrigues Horta.

Em 30 — Mlle Maria Fernandes Silva, Zélia da Conceição Vaz e os srs. Domingos José Soares, Bebiuno António Marçal, José Joaquim Justino Zacarias, Daniel da Cunha Dias e Armando Nobre.

Em 1 — D. Maria Dulce da Encarnação Pires Coelho, D. Maria Lucia Melo e horta, D. Ana Maria Albertina Costa Andrade, D. Francisca Maria de Brito Guerreiro Lata, Mlle Irene da Natividade Cavaco e os srs. Marcelo Chagas Cansado, Capitão Daniel Vidal Lopes e Amadeu José Viegas.

Em 2 — D. Beatriz Cabrinha Santos Doreis, menino Sérgio Bebiuno Trigoso Torres, Comandante José Ollas Maldonado e Laurentino Baptista.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso dando à luz duas criancas do sexo masculino, no passado dia 4 do corrente, na maternidade Dorgan, em Casablanca, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Fernanda Horta das Neves, esposa do sr. Liarte Horta das Neves, proprietário, residente em Mazagão.

Partidas e Chegadas

Regressou da capital onde foi adpurir moderno mobiliário e secadores alemães, a exínia cabeleireira sr.ª D. Maria Gertrudes Assunção, que assistiu a uma demonstração, das novas linhas do Outono e Inverno.

— Regressou de Lisboa, onde foi tratar de assuntos relacionados com a Misericórdia e Balneario da Atalaia, o nosso prezado amigo sr. José Emídio Fernandes Sotero, conceituado gerente do B.N.U. e provedor da Misericórdia de Tavira.

Necrologia

António Joaquim Fernandes Rendeiro

Na Murtosa, sua terra natal, faleceu há dias o sr. António Joaquim Fernandes Rendeiro, de 80 anos de idade, viúvo, pai do sr. D. Francisco Rendeiro, Bispo da Diocese do Algarve e das sr.ªs D. Maria dos Anjos Simões Moura e D. Rosa Simões Moura.

O sr. D. Francisco Rendeiro que se conservou durante alguns dias à cabeceira do enfermo, ministrou-lhe os últimos sacramentos.

No seu funeral que se realizou pelas 15 horas do dia 24, foi acompanhado por centenas de pessoas. O sr. Bispo do Algarve recebeu telegramas de condolências de diversos pontos do país e de algumas das mais categorizadas individualidades algarvias.

A fim de tomarem parte no funeral que se realizou após os officios fúnebres cantados na igreja matriz, seguiram para a Murtosa alguns sacerdotes da Diocese do Algarve.

Ao sr. D. Francisco Rendeiro expressamos sentidos pésames pelo rude golpe sofrido.

Dr. Jorge Correia

Com sua esposa encontra-se na capital, o nosso prezado amigo sr. Dr. Jorge Correia, ilustre Deputado pelo Algarve e Presidente da Câmara de Tavira.

VENDE-SE

Casa térrea com duas frentes, na Ruas dos Fumeiros de Diante n.º 16, nesta cidade, que se compõe de 4 compartimentos, corredor e quintal.

Trata-se na Avenida Dr. Teixeira d'Azevedo, 10 — Tavira.

Emílio Campos Coroa

Médico especialista

Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Montepio dos Artistas, todas as sextas-feiras pelas 11 horas

Livros e Revistas

Jornal Feminino — Recebemos o n.º 96, referente a Novembro desta revista feminina que é inteligentemente dirigida pela sr.ª D. Elisa de Carvalho, a qual tem conquistado as simpatias das mulheres portuguesas.

Os Castelos na História de Portugal — Recebemos o fascículo n.º 2 desta interessante obra da autoria de Jorge Figueiredo, trabalho que interessa a todos os que desejam enriquecer os seus conhecimentos culturais.

A obra que constará de 30 fascículos com cerca de 2.000 páginas é ilustrada por 600 gravuras, sendo dividido em quatro volumes.

Trabalho bem coligido e que é digno de figurar nas melhores bibliotecas.

Eva — Publicou o seu número referente a Novembro, com uma interessante capa colorida inserindo uma foto de «João Persy», o novo Romeu do Teatro Português com um excelente sumário no qual colaboram Carolina Homem Cristo, ilustre Director da revista, Amor Jardim, João Gaspar Simões e Emídio de Carvalho.

Excelentes reportagens, teatro, cinema, modas, actualidades etc, eis um resumo do presente número deste magazine mensal que de há muito conquistou as simpatias do público.

Beethoven — Publicou-se o fascículo n.º 19 desta magistral obra de Romain Rolland, — «Grandes Períodos Creadores» — numa excelente tradução do professor Fernando Lopes da Graça sobre a vida do eminente compositor.

Toda a apreciação da obra do genial músico é fundamentada no estudo completo. Trata-se de uma bela edição da Cosmos.

Panorama do Pensamento Filosófico — Saiu o fascículo n.º 23 desta obra dirigida pelo professor V. Magalhães Godinho.

Trata este fascículo do pensamento filosófico judaico, um estudo completo e documentado, traço sério e digno de apreciação. Recomendamos aos nossos leitores esta primorosa edição da Cosmos.

História Ilustrada das Grandes Literaturas — Aproxima-se do fim a publicação da História da Literatura Alemã, de que é autor o Prof. Fritz Martini, e que está integrada nesta utilíssima série de obras dedicadas às principais literaturas do mundo. Com os fascículos n.ºs 59 a 61, tem o leitor a oportunidade de poder estudar, com profundidade, assuntos de tanto interesse como o que deduz dos títulos dos capítulos respectivos: «Schiller», «A Reacção ao Classicismo», «Os Românticos», «Literatura do Século XIX», «A Jovem Alemanha», «Drama e Teatro», «O Realismo Poético» e «O Naturalismo».

Entre as ilustrações que acompanham este fascículo, devem-se destacar pelo seu interesse iconográfico os retratos, a cores, de Kante e Schiller. De muito valor são também os retratos de Hoffmann, Holderlin, irmãos Grimm, Leibniz, Grillparzer, Novalis, Paracelsus, etc, etc.

O Livro das Mil e Uma Noites — Prossegue com exemplar regularidade a publicação desta obra-prima da literatura universal, que a Editorial Estudos Cor em boa hora pôs ao alcance do leitor português, assim dotado presentemente de uma edição sob todos os aspectos digna de registo e do interesse dos amadores das belas letras e também das belas artes. Os

Banda de Tavira

Sob a regência de Sebastião Leiria, realiza esta Banda um concerto hoje, dia 26, das 15 às 17 horas, com o seguinte programa:

I PARTE

Barbarismos - D. P. S. Leiria
Le Chant des Anges - Ouv. B. da Costa
Moment Musical Schubert
La Viégocita - Zarz. Caballero

II PARTE

Cantos Populares - Rapódia F. Barros
La Reverte - P. P. Encarnação

Grémio da Lavoura de Tavira

Batata-semente Está aberta a inscrição dos produtores que pretendam comprar batata de semente nacional, depositando os interessados a importância de 20\$00 por cada saco requisitado.

Tavira, 13 de Novembro, de 1961.

A Direcção

Pomar, arrenda-se

No sítio da Sinagoga, próximo da estrada Santo Estêvão — Tavira.

Tratar com Luís Arrais. Recebem-se propostas, reservando o direito de não entregar se o preço não convir.

Oferece-se

Instrutor para condução de automóvel ligeiro. Facilita-se o pagamento.

Informa na Rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 102 — Tavira.

COURELA

Vende-se, no sítio de Vale Caranguejo, junto à Cooperativa dos Olivicultores, na estrada de Vila Real, com amendoeiras, oliveiras e alfarrobeiras.

Aceitam-se propostas em carta fechada, reservando o direito de não se entregar caso a proposta mais alta não convenha. Dirigir propostas à Tabacaria Centeno.

VENDEM-SE

Casas em Tavira e Monte Gordo

Tratar com José Joaquim Ferreira, Suc.

fascículos n.ºs 32 a 34, com que se conclui o 4.º volume da edição, apresentamos o final das «Aventuras de Hassã e de Esplendor», na tradução de Celeste Andrade, e dão-nos o regalo dessas admiráveis narrativas que são as «Histórias de Pessoas Hílicas e Incongruentes» e a História de Aladim e da Lâmpada Maravilhosa», respectivamente traduzidas por José Gomes Ferreira e José Rodrigues Miguel. As ilustrações são de Alcega Jorge, Fernando Azevedo e Júlio Pomar.

J. A. PACHECO TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

SAUDADE

O tempo corre... não cansa,
Mas por mil vidas que houvera
Perduraria a lembrança
Duma amizade sincera.

Recordar com orações
A alma de quem morreu
É perpetuar-lhe a vida
Encaminhá-la p'ró Céu.

Como cantar é rezar,
O que importa a fraca voz?
Reza sem saber cantar
A saudade que há em nós.

Fátima, 1-X-961

Virgínia Chaves Ramos

Arabescos Literários (2)

POESIA

Senhora Minha:

PREGUNTA-ME V. Ex.º o que é a poesia? Poesia, é tudo quanto pode acontecer; tudo quanto nos rodeia — desde que a saibamos ler — desde o sorriso inocente da criança, loira como uma manhã de sol, à mão desalentada, que, num gesto de Rodin, descaí, deslizada pelo desalento — falecida para a certeza de vencer.

Ao entardecer, quando o ocidente arde em febre — ruborizado, como vida por um fio... — ou mesmo quando a noite vem, piedosa, com o seu manto estrelado, cobrir o mundo que adormeceu, e como a manter-se queda junto ao berço extasiada desse destino de olhos doces e feições de querubim, isto é poesia.

Na graça de cisne duma vela que desliza e se mira com narcisismo na espelhação do rio, ou mesmo nessa «Engomadeira», no «Cego», ou no «Palhaço» de Picasso-azul, há a poesia das noites frias de Janeiro, quando a Natureza enregela sob um véu de luar.

No pregão rouco do ardina, abraçando nos diários o estóicismo dos seus dias, visto através das vidraças dos cafés, quando desliza Job, que passa ignoto, eclipsado na sua sombra, como se um luto pesado vestisse o seu corpo esqualido e trémulo, lê-se poesia.

No rictus dum «Augusto de soirées», tancando as lágrimas fartas a poder de tom geral, rindo a perder para mascarar a sua angústia, desde a histriónica à gargalhada, ou mesmo no olhar que sobre um catre se apaga como um candieiro de gás que expira na hora do alvorecer, adormecendo para todo o sempre, mãos vazias de ventura, máscara modelada na cera cadavérica do fim de tudo — acontece poesia.

Na neve que dá às áleas a última primavera do ano, vestindo as suas árvores de arminhos macios, envelhecendo-as com mais um dezembro; na asa branca que desenha no azul, com graciosidade, o traço abstracto duma linguagem que ninguém sabe ler, a poesia vive em ambas.

Na estátua negra, decorada como Ferinée, lira em punho, que à beira do lago esmeraldino se contempla, na solidão do jardim abandonado, meditando na sinfonia heróica do destino, como nos edénicos verdes dos parques em que as figuras de Watteau pintadas, felizes, vestidas de sedas, vivem a «Idade do Amor», como últimos românticos, há poesia enlevante.

No sol de inverno — sol de oiro, que desce à terra de fugida e vem dizer «bom dia» à velhice trémula e saudosa, retirando apressado, ou mesmo nas estrofes dum poeta triste, como Duro, Antero, Cesário, ou Florbela, a poesia é dupla. É o poeta que em casa sáfico ou heróico morre a cantar, como um cisne falecido em fim de dança de Messine.

Na própria cruz, que dese-

por António Augusto Santos

A um soldado português

O meu filho é marinheiro,
O meu filho é militar.
Sorri à vida e ao sol,
Veleja em águas do mar!

Nos tempos de rapazinho
Sempre gostou de brincar
Com soldadinhos de «chumbo»,
Naus e tesouros do mar!

Tesouros tem ele agora
No seu coração sem par.
O brio de um marinheiro,
Orgulho de um militar.

Quando ele escuta o apito
Pra ordens desempenhar,
De alma sã e corpo rijo,
Lá vai ele trabalhar.

Se chega o navio a terra,
Se ele for desembarcar,
Seus sonhos são da «coberta»,
Da sua lida do mar!

Navega meu marinheiro
Que por ti irei rezar,
Orgulhosa do meu filho
Por ele ser militar.

O seu bem é o meu bem!
Se o seu corpo perigar,
E' o meu peito que enfrenta
As balas que vão matar

Se o coração do meu filho
Tem para o meu tanto valor,
Eu ofereço a Portugal
O meu tesouro maior!

Tavira, Outubro de 1961

Maria Leonor Gomes de Mello e Horta

nha os braços abertos, silenciosamente, no mármore, no ferro, ou no lenho, deixando adivinhar as formas vazias enlutadas, há a poesia dum último olhar, dum corpo que se evolou em sonho, luz e amor; como há poesia num jardim trajando dum afoqueado Rembrandtino, qual mordomo fiel ao «fim de raça» de seu senhor fidalgal — esse palácio vazio de luzes choradas nos cadelabros, prantos reluzentes, janelas endoidecidas de tanto bater, portas violadas pela tempestade, povoado de sombras como um castelo escocês.

Mesmo na cantiga de amor desse velho errante de Carlos Reis, no arpejar do vento, ferindo-se na pauta de aço dos fios telefónicos uivando como walchiria ferida de morte, ou na crina esguelhada do mar,

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Rotary Club de Faro

A reunião semanal do Rotary Club de Faro teve extraordinária concorrência de sócios, tendo como nota saliente, além da palestra, a que adiante nos referiremos, a admissão de um novo rotário, o sr. André Martins Caiado, Consul da República Federal Alemã, em Faro.

Presidiu o sr. Francisco Guerreiro Barros e secretariou o sr. Arthur Serrão e Silva. Durante a leitura do expediente o secretário referiu-se a uma carta do Rotary Club de S. Luis, Maranhão-Brasil, na qual se saúda o aparecimento do Club de Faro no convívio de Rotary Internacional e ao Boletim do Rotary Club do Porto que transcreveu na íntegra a palestra proferida, em 17 de Outubro, pelo sr. Dr. Manuel Soares Cabeçadas.

O sr. Dr. João de Passos Valente foi recebido com uma carinhosa salva de palmas quando se levantou para fazer a sua anunciada palestra sob o tema «Acerca de Pintura — O Impressionismo». Trabalho que substitui uma excelente lição sobre a história da pintura desde os remotos tempos de 1874, data que marcou o época em que se revelaram os pintores impressionistas como Monet, Renoir, Pissarro, Degas, Morisot e outros.

O palestrante foi muito aplaudido no final do seu brilhante trabalho.

Para fazer o comentário da reunião usou da palavra o sr. Benigno Cruz, que como já o fizera o Presidente, salientou o ingresso, no Club de Faro do sr. André Caiado, cujos predicados e virtudes referiu. Elogiou o trabalho brilhante do palestrante e fez votos para que prossiga em futuras reuniões dado o interesse que o assunto despertou entre os rotários presentes. O sr. Dr. Eduardo Mansinho também se referiu à palestra do sr. Dr. Passos Valente, pedindo esclarecimentos que o palestrante prontamente prestou.

Ao encerrar a reunião o sr. Francisco Guerreiro Barros manifestou o seu regosijo pelo nível intelectual e cultural de que estão rodeando as reuniões de Rotary Club de Faro, facto que, por si só abonatório da utilidade deste salutar ideal de serviço e boa vontade.

Associação de Assistência à Mendicidade

Donativos recebidos: Do sr. Alvaro de Sousa Dias, 20 quilos de toucinho; de anónimos, 15 q de toucinho, 12 de banha, 600 grs. de chourico, 59 q. de figos e 8 cabezas de laranja.

Despedida

Zacarias da Conceição Puga Sacramento, furriel do Exército vem, por este meio, apresentar os seus cumprimentos de despedida às pessoas amigas e oferecer os seus préstimos em Moçambique.

louco como um Rei Lear — leão rugindo contra os jurássicos, rasgando em seu peito em fúria cavernas onde habitam monstros, ou ainda num carvão de Stuart, retratando a vida com a frieza e a palidez de um Buffet, há poesia-poesia amarga, poesia em travos de amargura, mas poesia bela.

Creio, Senhora Minha, ter procurado fazer compreender a V. Ex.º o que é poesia, essa poesia que acontece a cada passo da vida, e que os homens (Santo Deus!) não sabem ler, não porque não tenha olhos para a ler, mas porque nunca os ensinaram a ler... e eles passam indiferentes — analfabetos perante o belo.

ALGARVE Desportivo



Campeonatos Nacionais da I e II Divisões

O mau tempo foi o adversário número um

1.ª Divisão
Olhansense 0 — Cuf 0

O mau tempo que últimamente tem assolado o Algarve não permitiu que este desafio atingisse o brilho que, em tempo normal, teria atingido.

A partida começou 15 minutos depois da hora marcada e por duas vezes a marcação do campo teve que ser avivada.

Foi, pois, com o rectângulo de jogo transformado num autêntico lamaçal, que se defrontaram cufistas e olhanenses.

No primeiro tempo ambos os grupos podiam ter marcado, pois numa e noutra baliza o esférico rondou perigosamente. Porém, como atrás nos referimos, o mau estado do terreno não era propício à boa finalização dos lances.

No segundo tempo a equipa visitante fez recuar os seus interiores com o propósito de aguentar o resultado, o que conseguiu. Por seu lado, os locais, não satisfeitos com o empate e vendo a tática defensiva do adversário, carregaram no meio campo contrário, obrigando os cufistas a árdua tarefa para anular os seus intentos.

Já no termo da partida os algarvios perderam a mais flagrante oportunidade de marcar, quando Matias, escapando-se pelo seu corredor centrou com boa conta para Campos que, só com o guarda-redes pela frente, fez o mais difícil.

Com este, é o terceiro empate que os algarvios consentem. O Campeonato será hoje interrompido, para se dar início à Taça de Portugal.

Assim, e a contar para a dita, defrontar-se-ão:

Guimarães — Olhanense

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting	5	2	—	13-3	12
Benfica	3	3	1	16-8	9
Lusitano	4	1	2	14-6	9
Atlético	4	1	1	15-8	9
Porto	3	3	1	7-4	9
Académica	4	—	3	10-13	8
Belenenses	2	3	2	12-7	7
C. U. F.	3	1	3	11-10	7
Olhansense	2	3	2	6-8	7
Leixões	2	1	3	9-16	5
Salgueiros	2	1	4	5-16	5
Beira-Mar	1	2	3	9-18	4
V Guimarães	1	1	5	8-13	3
S. Covilhã	—	2	4	4-9	2

2.ª Divisão
Barreirense 4 — Farense 0

Foi notória a maneira defensiva com que os algarvios entram a jogar no Campo D. Manuel de Melo, no Barreiro.

A turma local, também de início, não se aventurou no ataque, limitando-se a estudar as possibilidades da equipa visitante.

Passados os primeiros 20 minutos e vendo que os alvi-negros se mantinham na mesma toada, os barreirenses passaram à ofensiva acabando por marcar quatro golos sem resposta. Vitória justa do onze do Barreiro, frente a um Farense descontrolado, de quem a assistência esperava mais e melhor.

Lusitano 2 — V. de Setúbal 3

Se o favoritismo dos sadinos antes do encontro era grande, ainda maior se tornou devido ao péssimo estado do terreno.

Os visitantes abriram o activo iam decorridos 21 minutos de jogo. Os algarvios não se perturbaram e volvidos 3 minutos alcançaram o empate. Novamente o Setúbal tornou a marcar e, também, ainda dentro da meia hora, teimosamente, o Lusitano voltou a igualar.

passados os primeiros 30 minutos do segundo tempo e quando, com agrado dos pom-balinos se pensava que o resultado estava feito, os setubalenses marcaram pela terceira vez, o que lhes assegurou a vitória final.

Também, a contar para a Taça de Portugal, jogarão:

Boavista — Farense; Montijo — Lusitano; Feirense — Portimonense.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	V.	E.	D.	B.	P.
Barreirense	7	—	—	23-8	14
Setúbal	6	—	1	25-7	12
Alhandra	5	—	2	26-18	10
Farense	5	—	2	15-10	10
Portimonense	5	—	2	15-15	10
C. Piedade	3	2	2	16-8	8
Seixal	4	—	3	25-20	8
Montijo	4	—	3	19-16	8
Beja	2	—	5	12-23	4
Sacavenense	1	1	5	12-18	3
Olivais	1	1	5	8-17	3
Oriental	1	1	5	7-19	3
Campomaior	1	1	5	9-23	3
Lusitano	1	—	6	6-15	2

Rui Nobre

Transcrição

Foi transcrito, com a devida vénia, do «Jornal Português de Economia e Finanças» a local que damos à estampa sob o título «Turismo no Algarve».

O livro «VERSOS» do Poeta Isidoro Pires, encontra-se à venda na Redacção do «Povo Algarvio»

Empresa de Espectáculos Tavirense

S. A. R. L.

TEATRO ANTÓNIO PINHEIRO
TAVIRA

ASSEMBLEIA GERAL

A fim de serem eleitos os corpos gerentes para o triénio de 1962 a 1964, convoco a Assembleia Geral Ordinária a reunir-se no próximo dia 30 do corrente, pelas 15 horas, na sala de espectáculos.

Não podendo efectuar-se a reunião por falta de número de accionistas, fica desde já feita a segunda convocação para o dia 17 de Dezembro próximo, no mesmo local e hora. Tavira, 13 de Novembro de 1961

O Presidente da Assembleia Geral

Dr. José Augusto Soares de Matos